Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio

> São Paulo 2011



UNESP - Universidade Estadual Paulista

Pró-Reitoria de Pós-Graduação Rua Quirino de Andrade, 215 CEP 01049-010 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 5627-0561 www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo Secretaria de Estado da Educação

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas Gabinete da Coordenadora Praça da República, 53 CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



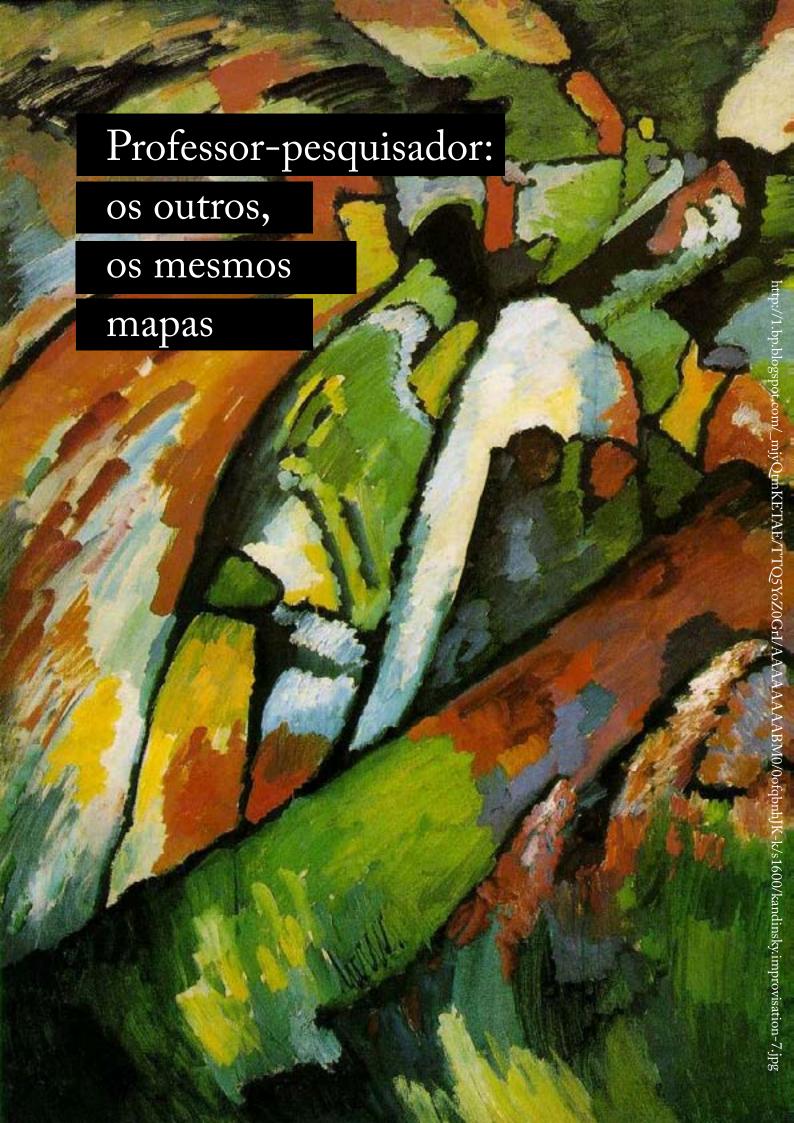






SECRETARIA DA EDUCAÇÃO





Vídeo da Disciplina







Sumário

Professor-pesquisador: os outros, os mesmos mapas	2
4.1. Teoria como A/R/TOGRAFIA: artista/pesquisador/professor	
Para saber mais:	
Referências Bibliográficas:	

ficha





Professor-pesquisador: os outros, os mesmos mapas



Locução: Rita Luciana Berti Bredariolli

[...]Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal
Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda
uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com
o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os
Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que
tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele.
Menos Afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes
entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem
Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos.
Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa,
habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há
outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

(BORGES, 1999)

"Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino". Assim inicia o segundo subitem do capítulo primeiro de *Pedagogia da Autonomia*, livro, já citado, de Paulo Freire. Nesse pequeno trecho de uma página, Paulo Freire abordará a função de pesquisador como condição inerente ao profissional do conhecimento, ao profissional da educação, ao professor:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 2010, p. 29).





Ao elaborarmos nossas aulas, algo que parece tão rotineiro, já estamos realizando um procedimento de pesquisa. Aos buscarmos fontes, imagens, textos, para fundamentar nosso tema; ao vasculhar a internet, a biblioteca de nossa casa ou da escola, já estamos desenvolvendo uma ação de pesquisador. Finalmente ao observarmos atentamente nossas aulas, atentar para seus resultados, entender tais desdobramentos, incluindo a reação do aluno, ponderando sobre seus pontos positivos e negativos, sobre o que "deu certo" e o que "deu errado" e procurar alternativas, toda essa atenção à prática, compreensão do contexto e busca por reformulações se configura em um modo de atuar como pesquisador: observação, análise, e o empreendimento pelas reformulações, desencadeando nova pesquisa de fontes.

O trabalho reflexivo do professor (PIMENTA; GHEDIN, 2002), atento à sua prática, ao seu contexto, buscando, compreender os motivos dos problemas que enfrenta e também compreender os bons resultados, as atividades gratificantes, essa reflexão cotidiana sobre a prática, essa atenção e preocupação em ENTENDER a sua prática – resultados satisfatórios, insatisfatórios, o contexto escolar feito por professores, funcionários, alunos, recursos físicos da escola – é um ato de pesquisa. Quando entendemos já não mais nos assustamos e então podemos conseguir atuar de forma consciente sobre nosso cotidiano, nosso dia-a-dia. Conhecer para agir, com consciência.

Entender nossas ações integradas com nossas concepções e com o nosso entorno, em relação dialógica: ações, concepções e entorno (nosso contexto) interferindo-se mutuamente, continuamente, provocando alterações constantes, descrevendo o movimento ininterrupto de nosso cotidiano. Se não prestarmos atenção a essa articulação corremos o risco de viver sob o automatismo, a fragmentação, a incoerência, o cansaço, a frustração, a falta de sentido.

Pensarmos como pesquisadores é o oposto desse comportamento. É estabelecer com o nosso cotidiano uma relação próxima ao sentido de experiência de John Dewey (cf. M1_D1: Repertório dos professores em formação e M3_D5: Emoção, percepção e criatividade: a contribuição da Psicologia para Artes e Ensino de Artes), a experiência como arte. Em sua acepção uma verdadeira experiência ocorre na interação ativa e alerta, completa, do indivíduo com as coisas e acontecimentos de seu mundo. Ao invés da cessão aos desejos e ao caos, resulta de um processo que agrega valores e significados passados para uma reconsideração dos acontecimentos presentes, movido pela interação entre o fazer e o receber, pelo diálogo consciente entre ação,





conseqüência e sua percepção. A verdadeira "experiência", assim concluída, é dotada de qualidade estética, concretizando-se, de acordo com Dewey (DEWEY, 2010), sob o mesmo padrão de uma obra de arte. Tal "experiência" se opõe à monotonia, à reprodução, ao mecanicismo, à repetição, à arbitrariedade, à ausência de objetivo, e é integrada pela atuação conjunta da prática, da emoção e do intelecto.

Donald Schön é outro autor que aborda a importância de um "ensino prático reflexivo capaz de vincular as dimensões teórica e prática" (MORAES, 2007). "Inspirado" pelas ideias de Dewey, Donald Schön elaborou "uma epistemologia da prática baseada na reflexão-na-ação", colaborando para a valorização do "potencial da aprendizagem por meio da prática e dos elementos que dela participam" (MORAES, 2007). Sumaya Mattar Moraes, usou a teoria de Schön para fundamentar sua pesquisa sobre a aquisição de conhecimento artístico pela prática, pelo "fazer", pela manipulação da argila, em seu caso. Moraes sustenta a tese de uma

aprendizagem realizada pelo reconhecimento da atuação simultânea, interativa e dialética entre teoria e prática, entre conhecimento acumulado e ação, portanto entre reflexão e prática. Enquanto realizamos, refletimos, aprendemos, pois revolvemos ideias estabelecidas, pré-concebidas. Para isso é precisar prestar atenção sobre essa ação reflexiva decorrente da prática, manter o olhar "ativo" de pesquisador, pois atento, curioso, imprimindo em nossa relação com nosso entorno, a qualidade estética, a *poiésis* de uma "verdadeira experiência":

1. Alfredo Bosi apresenta uma distinção entre o "olhar receptivo", despretensioso, e o "olhar ativo", aquele que se move à procura de algo, capaz de promover a distinção, conhecimento ou reconhecimento, que recorta de um contínuo, imagens e que pode "medir, definir, caracterizar, interpretar, em suma, pensar". O olhar "ativo" seria aquele que possibilita a reflexão do que é visto. BOSI, A. Fenomelogia do Olhar In NOVAES, A. (Org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 66.

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2007, p. 29).





O entendimento da articulação desses "três tipos de 'pensamento': teoria (theoria), prática (práxis), criação (poiésis)" tornou-se um tema de muito interesse para arte/educadores e "para aqueles que recorrem à arte como um meio de ampliar sua compreensão de ideias e práticas" (IRWIN, 2008, p. 88). Para aqueles, portanto, que recorrem à arte como fundamento de suas pesquisas. Na década de 1970 um "trabalho revolucionário" sobre a pesquisa baseada em arte foi iniciado por Elliot Eisner e entre os anos de 1994 e 2004 foi verificado um crescimento desse tipo de pesquisa. Os métodos de pesquisa considerados como fundamentados em arte consideram a dimensão subjetiva, poética e criativa. Diferente da ideia tradicional de investigação científica, cujas metodologias são utilizadas para alcançar e garantir um resultado correto, exato, verdadeiro e único, as pesquisas baseadas em arte não se orientam por esse objetivo, incluindo em seu processo investigativo as "ficções" produzidas pela subjetividade. Assim assumem como métodos a "narrativa, autobiografia, prática etnográfica [...] questionamento poético, estudo de si", característicos de uma pesquisa qualitativa, também usados pelas áreas das ciências humanas, tais como sociologia, antropologia, a história ou psicologia.

Seguindo a intenção de realizar a integração das artes, nesse caso especificamente as artes visuais, com métodos de pesquisa educacional, foi desenvolvida a A/r/tografia. Neologismo criado para identificar uma prática docente e uma escrita investigativa ("grafia") - o relatório de uma pesquisa, um texto monográfico, uma dissertação, uma tese – fundamentadas na articulação entre "artist-researcher-teacher (artista-pesquisador-professor)", integrando "theoria, práxis e poiesis, ou teoria/pesquisa, ensino/aprendizagem e arte/produção" (IRWIN, 2008, p. 88).

A a/r/tografia sugere uma escrita investigativa que integre a *poiésis*, a criação própria ao processo artístico. "Arte e escrita", nesse caso específico de uma teoria voltada para as artes visuais como fundamento para a realização de uma pesquisa, "unificam o visual e o textual por se complementarem, se refutarem e se salientarem uma à outra". Seguindo essa ideia, há uma interação constante entre a imagem – entendendo aqui como imagem o que observamos: uma situação, um registro fotográfico, trabalhos artísticos de diferentes linguagens, produção imagética veiculada pelos meios de comunicação; o que imaginamos a partir dessa observação; e o que produzimos como resposta dessa interação entre aquilo que vemos e o que refletimos





sobre aquilo que é visto – e o texto. Ao elaborarmos um texto estamos também fabricando imagens. Criamos pela articulação das palavras, imagens e essas por sua vez se desdobrarão em outras múltiplas imagens pela *leitura* que desse texto fizerem. Ao elaborarmos uma imagem estamos também criando um texto. As imagens, como abordadas nessa teoria a/r/tográfica não são ilustrações para nossos textos, tampouco nossos textos atuam como legendas para essas imagens, ambas contribuem para provocar questionamentos e expressar nossas reflexões sobre a prática. Estamos falando aqui de pesquisas que consideram tanto em sua elaboração como na escrita de seus resultados a interação entre texto e imagem, imagem como produção visual e como produção de imaginários, imaginações, pensamentos, conceitos.

"A/r/tografistas" vivem "suas práticas, representando sua compreensão, e questionando" seus posicionamentos perante essa mesma prática, numa integração entre "saber, prática e criação", estabelecendo uma "experiência estética" que gera significados ao invés de fatos, realizações que são providas de sentido – para o professor e o aluno - e não uma reprodução mecânica de uma ação pré-elaborada, como aquelas definidas em algum material didático, por exemplo.

Entender a função da metáfora e metonímia é um auxílio à compreensão da a/r/tografia, pois uma "teoria" entendida como a/r/tografia, refere-se à criação de um "momento imaginativo" quando da elaboração teórica ou explicação dos "fenômenos por meio de experiências estéticas que integram saber, prática e criação". Experiências que valorizem a técnica, o conteúdo, a complexidade e a diferença.

Rita Irwin, nesse texto sobre a/r/tografia (IRWIN, 2008, p. 87-104), estabelece os conceitos de arte, pesquisa e ensino, como princípios para a compreensão de teoria como a/r/tografia:

Para entender teoria como a/r/tografia, apresento estas ideias. Arte é reorganização visual da experiência que torna complexo o que é aparentemente simples e simplifica o que é aparentemente complexo. Pesquisa é o que realça o significado revelado por contínuas interpretações de complexos relacionamentos que são continuamente criados, recriados e transformados. Ensino é a pesquisa realizada em relacionamentos carregados de significado com os aprendizes (IRWIN, 2008, p. 94).





8

Não precisamos concordar com essas definições, mas é importante notar que esse cuidado foi tomado ao expor a elaboração teórica sobre a compreensão da "teoria como a/r/tografia", da elaboração teórica como produção artística.

Esse é o ponto crucial dessa nova noção de, podemos dizer, prática docente e pesquisa no âmbito da arte/educação: compreender nossa prática - seja como docentes, como pesquisadores ou como docentes/pesquisadores - como uma produção artística, dotada de qualidade estética, de *poiésis*, e justamente por isso, reflexiva. Essa ideia requer a noção de arte como imersão na vida, tal como a expôs John Dewey ou Richard Shusterman, ou o artista Joseph Beuys, entre outros que defenderam a imiscuição da arte na vida: como os "românticos, Beuys enxergava na arte um meio de formação e educação do ser humano, atribuindo a ela um papel de reconciliação do homem com o mundo. Reconciliação não implica em conformação nem em passividade, mas decorre de uma das premissas básicas da condição humana: a mundanidade" (ALMEIDA, 1991, p. 9).

Praticar a integração artista-pesquisador-professor, a/r/t, "viver a vida de um artista que também é pesquisador e professor é viver uma vida consciente", afirma Irwin, uma "vida que permite abertura" para a estrutura complexa que configura nossas várias realidades. Essa interação nos propiciaria a "perceber as coisas diferentemente", a mudar nossos pontos de vista, revolvendo nossas pré-imagens, nossas pré-concepções. A ideia da a/r/t nos moveria a uma prática de "pesquisa ativa",

preocupada com a criação de situações em que conhecimento e compreensão são produzidos através do processo de questionamento [...] o conhecimento produzido através da pesquisa ativa é sempre um conhecimento de si mesmo do relacionamento do sujeito com uma comunidade em particular [...] estão sempre em um estado de vir a ser e nunca podem estar fixadas em categorias estáticas (IRWIN, 2008, p. 96-97).

Assumir a concepção a/r/t é assumir o lugar de fronteira, de trânsito entre ser professor, pesquisador e artista. Aqueles que assumirem essa forma de compreender o ensino e a pesquisa sobre arte, devem reconhecer que





arte, pesquisa e ensino não são feitos, mas vividos. As experiências e práticas vivenciadas por indivíduos criando e recriando suas vidas são inerentes à produção de suas obras de a/r/t e de escrita (grafia). Pensamento e prática estão inextricavelmente ligados através de um círculo hermenêutico de interpretação e compreensão. O novo conhecimento afeta o conhecimento existente (IRWIN, 2008, p. 97).

Nesse sentido, estabelece-se um movimento circular ininterrupto, pela interação constante entre ação e reflexão.

"A/r/tografia é uma prática viva da arte, da pesquisa e do ensino: uma mestiçagem viva; uma escrita viva, uma experiência que cria a vida". É um

caminho para quem vive nas fronteiras, para se engajar criativamente consigo e com outros ao reimaginar histórias de vida inseridas no tempo e através dele. A/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto como a imagem ao se encontrarem em momentos de mestiçagem. Mas, sobretudo, a/r/tografia é sobre cada um de nós, que vive uma vida de profundo significado realçado através de práticas perceptivas que revelam o que esteve uma vez escondido, criam o que não foi nunca sabido e imaginam o que nós esperamos conseguir (IRWIN, 2008, p. 100).

Para saber mais:

No site sobre a teoria A/R/Tography (a/r/tografia), você encontrará um pequeno texto de introdução da profa. Rita Irwin, com a definição da prática a/r/tográfica abre esse site que disponibiliza *links* pelos quais você terá acesso a *blogs*, trabalhos realizados, metodologia, publicações e pesquisas sobre a/r/tografia.





Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, L. C. O. A estética romântica e Joseph Beuys. **Gávea**, Rio de Janeiro, n. 8, ago. 1991, p. 4-13.
- BOSI, A. Fenomelogia do Olhar In NOVAES, A. (Org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DEWEY, J. Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- IRWIN, R. A/R/Tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, A.; AMA-RAL, L. (Org.). **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: SENAC/SESC, 2008, pp. 87-104.
- LAMPERT, J. Arte contemporânea, cultura visual e formação docente. 2009. 85 f. Tese (Doutorado)—Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MACHADO, R. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte. São Paulo: DCL,
 2004.
- MORAES, S. M. **Descobrir as texturas da essência da terra**: formação inicial e práxis criadora do professor de arte. 2007. 150 f. Tese (Doutorado)—Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.
- SHUSTERMAN, R. **Vivendo a arte**: o pensamento pragmatista e a estética popular. Tradução Gisela Domschke. São Paulo: Editora 34, 1998.





Ficha da Disciplina:

Metodologias para ensino e aprendizagem de arte



Rita Luciana Berti Bredariolli



É Bacharel e Licenciada em Educação Artística pela Universidade de Campinas, UNI-CAMP (1993). Possui mestrado em Artes pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo, ECA-USP (2004) e doutorado em Artes pela mesma instituição (2009). Atuou como professora de Arte de Ensino Fundamental II por 12 anos. Em 2005 ingressou na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, voltando a São Paulo em 2010 para assumir o cargo de professora assistente doutora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IA-UNESP. Leciona as disciplinas de Fundamentos do Ensino da Arte e Didática para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, Licenciatura em Artes Cênicas e Licenciatura em Música. É autora do livro Das lembranças de Suzana Rodrigues: tópicos Modernos de Arte e Educação e desenvolve pesquisas sobre teoria da imagem, história e memória do ensino da arte e ensino da arte como mediação cultural.





Ementa:

Conceitos de método e metodologia. A relação entre epistemologia e metodologia do ensino da arte em suas variações ao longo do tempo. Métodos e Metodologias artístico-educacionais contemporâneos. O professor-pesquisador. O artista/pesquisador/ professor. As relações entre teoria (*theorie*), prática (*práxis*) e criação (*poiésis*). Metodologias para o artista/pesquisador/ professor.

Estrutura da Disciplina

Tema 1: Metáforas, métodos e metodologias, metáforas

- 1.1. Metáforas
- 1.2. Métodos e Metodologias
- 1.3. Metáforas

Tema 2. Metodologias para ensino e aprendizagem de arte

- 2.1. Metodologias modernas: academicismos
- 2.2. Metodologias modernas: modernismos
- 2.3. Metodologias pós-modernas: arte como expressão e cultura

Tema 3: Isto também é uma metodologia: duas versões contemporâneas de métodos, metodologias, educação e arte.

- 3.1. O professor ironista
- 3.2. Outras metáforas: árvores, rizomas, mapas, a partilha do sensível

Tema 4: professor-pesquisador: os outros, os mesmos mapas

• 4.1. Teoria como A/R/TOGRAFIA: artista/pesquisador/professor

Tema 5 : Metodologias para a prática de uma pesquisa ativa

- 5.1. Etnografia
- 5.2. Um tipo de pesquisa ativa: a Pesquisa -Ação
- 5.3. História de Vida
- 5.4. Estudo de Caso

Rita Luciana Berti Bredariolli

Pró-Reitora de Pós-graduação Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora Ana Maria Martins da Costa Santos Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - sub-coordenador

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo Valentim Aparecido Paris Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD - Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira Guilherme de Andrade Lemeszenski Marcos Roberto Greiner Pedro Cássio Bissetti Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe João Castro Barbosa de Souza Lia Tiemi Hiratomi Liliam Lungarezi de Oliveira Marcos Leonel de Souza Pamela Gouveia Rafael Canoletti Valter Rodrigues da Silva